



Home » [Newsletter](#), [Notícias](#) » Desmatamento andino provoca “tsunami” amazônico

Desmatamento andino provoca “tsunami” amazônico

12 de abril de 2014 Filled under Newsletter, Notícias

[Nenhum Comentário](#)



O rio Beni, afluente do Madeira, durante uma cheia em 2011, pouco acima de Cachuella Esperanza, onde o governo boliviano projeta construir uma hidrelétrica. Foto: Mario Osava/IPS

O desmatamento, especialmente nos Andes da Bolívia e do Peru, é o que mais agrava as inundações na bacia do rio Madeira, que este ano adquiriram status de catástrofe na Amazônia boliviana e em seu desagudouro brasileiro. Essa é a análise de Marc Dourojeanni, professor emérito da Universidade Nacional Agrária de Lima, em contraste com ambientalistas e autoridades bolivianas, que insistem em culpar as hidrelétricas brasileiras de Jirau e Santo Antônio pelas inundações sem precedentes que castigaram o departamento de Beni.

“Não tem lógica”, explicou Dourojeanni à IPS. Seria necessário revogar a lei da gravidade e a topografia para ignorar que, nesse caso, os brasileiros sofrem mais os efeitos do que ocorre na Bolívia do que o contrário, sem descartar os muitos pecados das represas. O rio Madeira é o maior afluente do Amazonas e recebe águas de quatro grandes rios, cada um com mais de mil quilômetros de extensão e bacias que formam uma área de drenagem de 903.500 quilômetros quadrados, a superfície da Venezuela e quase o dobro da Espanha.

Com 80% dessa área, a Bolívia capta, em dois terços de seu território, águas que escorrem até o Madeira por mais de 250 rios, em forma de funil, que deságuam no Brasil. Do Peru provém o rio Madre de Dios. A essa vastidão se acrescenta o acentuado declive. Três de seus grandes afluentes – Beni, Mamoré e Madre de Dios – nascem nos Andes, entre 5.500 e 2.800 metros de altitude, e caem abaixo dos 500 metros nas planícies amazônicas bolivianas.

Essas ladeiras “há mil anos estavam cobertas por florestas e agora estão peladas”, em grande parte pelos incêndios para abrir espaço para uma agricultura de subsistência, afirmou Dourojeanni, agrônomo e engenheiro florestal, responsável pela Divisão Ambiental do Banco Interamericano de Desenvolvimento na década de 1990. A consequência são as torrentes de água que chegam e param nas planícies bolivianas, alagando-as, e seguem para o Brasil. Boa parte dessas planícies são inundáveis até mesmo quando ocorrem chuvas normais.

Este ano, morreram na Bolívia 60 pessoas e 68 mil famílias ficaram desabrigadas pelas cheias, em uma repetição acrescida de tragédias semelhantes provocadas pelos fenômenos El Niño e La Niña, antes de serem construídas as represas brasileiras. O desmatamento em ladeiras andinas entre os 3.800 metros de altitude, onde começam as florestas, e os 500 metros é enorme na Bolívia e no Peru, mas não aparece nas estatísticas oficiais, denunciou Dourojeanni, também criador da fundação peruana Pró-Natureza.

Sem barreiras para o declive, arma-se um “tsunami” em terra firme, que no primeiro trimestre atingiu seis departamentos bolivianos e o fronteiriço Estado brasileiro de Rondônia. As casas de mais de cinco mil famílias brasileiras foram inundadas pela cheia incomum do Madeira, especialmente em Porto Velho, capital de Rondônia, onde estão as duas hidrelétricas. A estrada BR-364 ficou intransitável desde fevereiro, isolou o vizinho Estado do Acre por terra e afetou o abastecimento de alimentos e combustíveis. Doenças como leptospirose e cólera também fizeram vítimas.

A busca por culpados, também no Brasil, se voltou para as represas. A justiça federal ordenou que as empresas proprietárias das centrais apoiassem as vítimas com alojamento adequados, entre outras medidas. Além disso, as empresas terão que fazer novos estudos de impacto das represas, supostamente responsáveis por agravar a cheia do rio. As duas centrais ampliaram sua capacidade a respeito do projeto inicial sem fazer uma avaliação.

Compartilhar



Tópicos recentes

[MPF recomenda que Santo Antônio Energia divulgue plano de segurança de barragem](#)

[Belo Monte: obras da usina foram tratadas na casa de empreiteiro](#)

[Nova “Lista de Transparência” traz 340 nomes flagrados por trabalho escravo](#)

[Licenciamento ambiental a jato “não some com impactos”](#)

[Manejo florestal impacta temperatura](#)

Comentários

[FELIPE VICENTE em Estudo alerta para emissões de novas hidrelétricas na Amazônia](#)

[nuno miguel em Falta de recursos ameaça retomada da extração de ouro em Serra Pelada](#)

[Wellington ferreira nunes em Associações e cooperativas do Norte de Mato Grosso lutam para manter preço da castanha do Brasil após supersafra](#)

[Paulo em Cerrado do Amapá pode se tornar nova fronteira agrícola](#)

[L em Manejo florestal impacta temperatura](#)

Arquivos

[fevereiro 2016](#)

[janeiro 2016](#)

[dezembro 2015](#)

[novembro 2015](#)

Empresas e autoridades tentam convencer a irada população local de que a catástrofe não se agravou pelas duas represas recém-enchidas. Chuvas tão intensas "só ocorrem a cada 500 anos" e, com uma bacia tão extensa acumulando água, é natural que as planícies sejam inundadas, como ocorreu também em quase toda a Bolívia, pontuou Víctor Paranhos, presidente do consórcio Energia Sustentável do Brasil, que opera Jirau, a central mais próxima da fronteira boliviana.

Desde 1967, o fluxo do rio Madeira é monitorado e o nível máximo registrado em Porto Velho foi de 17,52 metros em 1997, destacou Francisco de Assis Barbosa, responsável estadual de hidrologia do Serviço Geológico do Brasil. No final de março esse nível atingiu 19,68 metros, em um ano "totalmente atípico", acrescentou à IPS. A pluviosidade extrema na bacia do Madeira teve como contraponto a forte seca em outras partes do Brasil, que gerou uma crise energética e escassez de água em São Paulo.

Uma massa de ar seco e quente estacionou no centro-sul do país entre dezembro e março, bloqueando ventos que transportam umidade da Amazônia, e, assim, a precipitação se concentrou na Bolívia e no Peru. Esses eventos climáticos tendem a se repetir com maior frequência devido à mudança climática global, segundo climatologistas. O desmatamento afeta o clima e exacerba seus efeitos.

Transformar uma floresta em pastagem multiplica por 26,7 a quantidade de água que escorre para os rios e por 10,8 a erosão do solo, constatou em 1989 um estudo de Philip Fearnside, do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia. Isso significa que metade da chuva que cai em pastagens vai direto para os rios, aumentando as cheias e a sedimentação. Essa perda diminui em proporção à presença de vegetação mais alta e de raízes profundas, segundo medições de Fearnside em terrenos com declive de 20% em Ouro Preto D'Oeste, município de Rondônia.

Cultivar a terra "é pior" do que as pastagens, porque "limpa todo o solo", eliminando inclusive a erva que alimenta o gado e retém um pouco de água, apontou Dourojeanni. Mas a pecuária compacta o solo pelo pisotear do gado, acelerando o escoamento, acrescentou esse biólogo de origem norte-americana e nacionalidade brasileira que pesquisa a Amazônia desde 1974.

Em sua opinião, o desmatamento "contribui pouco para as inundações bolivianas no momento, porque o grosso das florestas continua de pé". Isso também afirma o especialista em hidrologia boliviano Jorge Molina, da Universidade Mayor de San Andrés. A Bolívia está entre os 12 países de maior desmatamento atual, revela um estudo de 15 centros de pesquisa divulgado pela revista norte-americana Science, em novembro. O país perdeu 29.867 quilômetros quadrados de florestas entre 2000 e 2012, indicam imagens obtidas via satélite e ferramentas do Google.

A pecuária é um grande fator e se expandiu principalmente em Beni, fronteiro com Rondônia. Ali teriam morrido 290 mil bovinos entre janeiro e fevereiro, segundo a federação local de pecuaristas. A avalanche hídrica ameaça inclusive a eficiência das usinas hidrelétricas. Santo Antônio teve que interromper sua geração em fevereiro. Isso explica o interesse brasileiro em construir outras centrais bacia acima, "mais para regular o fluxo do Madeira do que pela energia", destacou Dourojeanni.

Os planos incluem, além de um projeto fronteiro com a Bolívia e a central Cachuela Esperanza no baixo Beni boliviano, outra hidrelétrica peruana no distante rio Inambari, afluente do Madre de Dios, detalhou Dourojeanni. Os planos de Inambari e de outras quatro hidrelétricas peruanas, cuja concessão foram ganhas por empresas brasileiras, foram suspensos em 2011 pela resistência popular à sua construção.

Por: Mario Osava

Fonte: IPS

Tags: [Amazônia](#), [Andes](#), [cheias](#), [Desmatamento](#), [inundações](#)

Deixe uma resposta

O seu endereço de email não será publicado Campos obrigatórios são marcados *

Nome *

Email *

Site



CAPTCHA Code *

Comentário

Você pode usar estas tags e atributos de HTML: <abbr title=""> <acronym title=""> <blockquote cite=""> <code> <del datettime=""> <i> <q cite=""> <s> <strike>

Publicar comentário

« Nível do Rio Madeira começa a baixar em Rondônia

Redução de Parque viabiliza criação da Reserva de Desenvolvimento Sustentável , em Manaus »

outubro 2015

setembro 2015

agosto 2015

julho 2015

junho 2015

maio 2015

abril 2015

março 2015

fevereiro 2015

janeiro 2015

dezembro 2014

novembro 2014

outubro 2014

setembro 2014

agosto 2014

julho 2014

junho 2014

maio 2014

abril 2014

março 2014

fevereiro 2014

janeiro 2014

dezembro 2013

novembro 2013

outubro 2013

setembro 2013

agosto 2013

julho 2013

junho 2013

maio 2013

abril 2013

março 2013

fevereiro 2013

janeiro 2013

dezembro 2012

novembro 2012

outubro 2012

setembro 2012

agosto 2012

julho 2012

junho 2012

maio 2012

abril 2012

[março 2012](#)

[fevereiro 2012](#)

[janeiro 2012](#)

[dezembro 2011](#)

[março 2011](#)

[novembro 2009](#)

[novembro 2005](#)

Categorias

[Agenda](#)

[Destaques](#)

[Documentos](#)

[Fotografias](#)

[Meio Ambiente](#)

[Multimídia](#)

[News](#)

[Newsletter](#)

[Notícias](#)

[Opinião](#)

[Sem categoria](#)

Meta

[Entrar](#)

[Posts RSS](#)

[RSS dos comentários](#)

[WordPress.org](#)

Links

[* Mary Allegretti](#)

[* Altino Machado](#)

[* Manual de Negócios Sustentáveis](#)

Outros Sites



Endereço

Amigos da Terra – Amazônia Brasileira

Rua Cônego Roque Viggiano, 44
CEP: 04532-030
São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3887 9369

Fax: 55 11 3884 2795

E-mail: contato@amazonia.org.br